



nº 11 - dezembro de 2013

MACIEL, Maria Esther. O animal escrito - Um olhar sobre a zooliteratura contemporânea. 94 páginas. São Paulo: Lumme Editor, 2008.

*Maria Aparecida Junqueira**

Pode parecer estranho e inusitado, num primeiro momento, o estudo das relações entre animais e literatura. O debate sobre a questão animal tem envolvido diferentes áreas do conhecimento, promovendo um entrecruzamento de informações que favorece uma discussão transdisciplinar e promove novas formas de pensar e configurar o humano e o inumano. O ensaio, resultado da primeira etapa da pesquisa “Bestiários contemporâneos – animais na literatura”, intitulado *O animal escrito – um olhar sobre a zooliteratura contemporânea* – constitui fonte valiosa para adentrar nas discussões que circunscrevem a animalidade, a relação do homem com outras espécies, as figurações estéticas que assumem na literatura, enfim, a animalidade que habita em nós. O ensaio de Maria Esther Maciel contempla questões contemporâneas necessárias e fundantes para se repensar a temática além das representações metafóricas que marcaram a literatura.

Sintonizada, então, com as demandas do tempo presente, a autora, professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pesquisadora reconhecida no meio literário com significativas publicações, indaga

* Professora Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP – São Paulo, Brasil, onde atualmente é Professora-Associada. cidajunqueira@puccsp.br

com aguda inteligência os paradoxos enovelados no problema dos animais e mostra com propriedade em sua apresentação e discussão a animalidade que nos constitui e a busca da outridade animal.

Esse estudo teórico-crítico de Maciel é composto por quatro tópicos, todos eles perscrutando a literatura e seus fundamentos filosóficos e literários para apreender não só uma possível história literária dos animais, uma transformação dos bestiários, mas também um lugar reconhecido de reflexão crítica para a zooliteratura.

“Nos confins do humano”, título do primeiro tópico, Maciel frisa, por uma incursão pela história literária ocidental, que os animais se inscreveram incisivamente no imaginário poético do Ocidente. A trajetória é marcada, por exemplo, com Esopo e o caráter moralizante de suas fábulas; com Aristóteles e a inauguração da tradição enciclopédica e dos catálogos de animais reais e fantásticos. O bestiário, firmado como gênero nos séculos XII e XIII, ultrapassa os limites de sua definição e atinge os compêndios zoológicos até o século XVII. A racionalidade, na qual o mundo moderno se estrutura a partir do século XVIII, lembra Maciel, não abdica do fantástico e do saber antigo. Mesmo com a chegada da ciência e sua visada objetiva no reino animal e ainda a complexidade que a representação dos animais ganha no pensamento humano de dominação sobre os demais seres, os séculos XX e XXI revelam um universo zooliterário de diversas abordagens: fantasiosa, antropomórfica, ética. Somam-se, também, os escritores que flagram os animais fora dos limites representativos, tomados de saberes sobre o mundo. Valendo-se de ninguém mais do que Borges, em *Manual de zoológica fantástica*, Maciel articula este tópico com o próximo – “Exercícios de Imaginação”. Antes, porém, a partir dos dois tipos de zoologia borgiana – a da realidade e a dos sonhos -, afirma que “a literatura moderna se coloca como o espaço ficcional por excelência para a prática de todas as zoologias possíveis” (p. 20). Há de se pensar, portanto, em uma zoo-lógica-fantástica.

É à luz de *O livro dos seres imaginários*, de Borges, que Maciel centra sua reflexão e apresenta a singularidade de seus sucessores – o guatemalteco Augusto Monterroso, o mexicano Juan José Arreola, o uruguaio Víctor Sosa, o brasileiro Wilson Bueno -, que ela bem soube selecionar tendo em vista a invenção artístico-crítica configurada em suas produções. Se Borges, além de cifrar o animal em sua escrita, amplia a lista de animais do manual de zoologia fantástica e convida o leitor a girar caleidoscopicamente o objeto criado, seus sucessores reinventam animalários, mesclando a “zoologia dos sonhos” com a da realidade, explorando metamorfoses,

incorporando referências culturais latino-americanas. Revelam com seus bestiários, como bem pontua Maciel, “a falência dos sistemas institucionalizados de organização do mundo e do conhecimento”, levando a autora a refletir que “os bestiários do nosso tempo realizam também, por vias alegóricas, uma discussão do caráter heterogêneo e inclassificável da tão buscada – e cada vez mais impossível de ser definida – ‘identidade latino-americana’” (p.40).

Maciel faz lembrar com argúcia que, autores como Bueno, ao retomar imagens heteróclitas da fauna do continente, acabam esvaziando o caráter exótico dessas imagens, flagrando o elemento familiar, num reconhecimento do que foi recalçado pelo processo de colonização (e ocidentalização) ao longo dos séculos. Insiste a autora que Bueno parece reafirmar a voz de Paz sobre a ocidentalização e não ocidentalização da América Latina, colocando-nos no eixo do paradoxo. Se formos ocidentais pela geografia e outros artifícios, deixamos de o ser, já que “o nosso lugar na história cultural do Ocidente inscreve-se nas margens e nos desvãos dessa mesma história” (p. 41). Maciel corrobora essa hipótese com a insólita taxonomia borgiana da enciclopedia chinesa, a qual instaura “um espaço paradoxal que não deixa de ser o da realidade latino-americana. Categorizar os animais em subdivisão, como mostra a lista oriental, com o *etcetera*, é reconhecer o heterogêneo. Daí a pergunta de Maciel: “E o que é a categoria *et cetera* senão a que aloja os restos, as exclusões, os excessos, enfim, o não classificado e o inclassificável?”(p.42). Nele se alojaria o diferente: a coleção animalária de Borges e as reinventadas por outros autores desse continente, espaço inclassificável que acolhe o controverso “ornitorrinco”, um *puzzling animal*. Poderíamos dizer: espaço aberto governado pela poesia.

“Jaulas, assombros e olhares”, intitula-se o tópico três. Sobre os eixos “zoologia dos sonhos” e “animais existentes”, mantém ainda, os primeiros, uma dimensão alegórica dos bestiários tradicionais, enquanto os segundos buscam um saber alternativo sobre os homens e a humanidade. Desse modo peculiar de tratamento, seja por motivações éticas e afetivas, por propósitos memorialistas, por salvar os animais do extermínio, seja pela exploração do humor no mundo animal, os escritores ressaltam as fronteiras entre o humano e inumano.

Recorrendo a Jacques Derrida, de *O animal que logo sou*, que confronta a assertiva de Heidegger: “o animal é pobre de mundo”, devido à ausência de *logos*, Maciel desdobra, em eficaz síntese, a desconstrução proposta por Derrida do humanismo logocêntrico do Ocidente a partir de filósofos como Descartes, Kant,

Levinas e Lacan que também afirmaram ser o animal privado de linguagem. A crítica derridiana, que já aponta para a inadequação do emprego do vocábulo animal no singular como se todos os animais pertencessem a uma só espécie zoológica, considera duas situações de saber: uma que faz do animal um *teorema* e outra que leva em conta o *ponto de vista dele*.

Contrário à categoria que pensa o animal como um teorema, Derrida apresenta uma outra assertiva: “o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia” (p. 50). Alteridade animal em jogo, resta apreender se o que tais filósofos julgam saber, não é exatamente “o que os afasta dessa mesma alteridade” (p. 50). Como afirma John Berger: “O que sabemos sobre os animais é um índice de nosso poder, e assim é um índice que nos separa deles. Quando mais julgamos saber, mais distantes eles ficam” (p. 50-1).

Valendo-se de um poema de Ted Hughes sobre um jaguar enjaulado e raivoso sob o olhar de visitantes em um jardim zoológico, J.M.Coetzee afirma que, por ser apanhado por um poeta perplexo, que não busca uma ideia do animal, mas pede-nos para “habitar aquele corpo que se move febrilmente entre as barras da jaula” (p. 51), o poema trata da subjetividade animal, inteirando-se com ela, experimentando a sua realidade. Entre fragmentos de textos de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond, Maciel evidencia, em discussão e análise perspicaz, o pacto ou contágio por meio do qual o escritor busca apreender a pulsação do animal. Clarice descreve tal pulsação “ao falar do quão terrível é segurar um passarinho na concha da mão meio fechada: ‘é como se tivesse os instantes trêmulos na mão’”. Daí a indagação de Maciel: “Como escrever esse tremor, fazê-lo vibrar na pele das palavras, senão deixando-se possuir pelo passarinho que estremece, metamorfoseando-se momentaneamente nele?” (p.53).

Maciel trata, ainda, a partir da análise de poemas de Hughes e Rilke, da realidade dos zoológicos e das jaulas. Enquanto a pantera de Rilke inscreve-se “como metáfora do homem enjaulado em si mesmo”, o jaguar é desmetaforizado, Hughes busca “entrar no seu corpo” (p.57). De Guimarães Rosa, Maciel traduz o escrito presente no pórtico de um de seus textos de *Ave palavra*: “Amar os animais é aprendizado de humanidade”, ao referir-se a um ratinho branco jogado na jaula de uma cascavel, afirma: “O escritor... entra na pele do rato e, como que por contágio, traz para o corpo das palavras o tremor e o olhar ‘transido, arrepiado’ do animalzinho comprimido num dos cantos da parede de tela” (p.61). Há nesse encontro entre animal

e animalidade, no trato poético, um conhecimento que foge ao pensar e se ancora no sentir. O ensaio de Maciel aponta para esses modos não convencionais, mas diversos de configurar as relações entre animal e literatura.

Mas, se nos zoológicos públicos não se cruzam os olhares do homem e do animal, Maciel mostra, na literatura, que a narradora de “O búfalo” de Clarice Lispector se encontra com o olhar animal: “via de acesso a si mesma”; e que o “eu-bovino” do poema “Um boi vê os homens”, de Drummond, ruma seu conhecimento sobre o homem. Considera a autora que falar sobre o animal ou assumir sua persona é também um gesto de espelhamento, de identificação.

Esta identidade, ou como diz a autora: “exercício da animalidade que nos habita” (p. 68), só é possível ser apreendida enquanto um *it. It* que Clarice Lispector bem define em *Água Viva*, e que Maciel sagazmente captura - *it* como “o mistério do impessoal”, “elemento puro. [...] material do instante do tempo” (p. 85), cabendo só à poesia recolher. Neste gesto de espelhamento, de identificação, o mesmo processo de “identidade latino-americana” (p. 40) se nota: imagens heteróclitas, definidas via paradoxo. Maciel deixa ver uma postura crítica que se entrecruza via o poético.

No quarto tópico, fechando o texto, Maciel trata dos “Saberes animais”. Partindo de indagações centradas na subjetividade animal e na sua capacidade de sentir, criar, comunicar e até mesmo de pensar, Maciel se fundamenta em Montaigne, que já admitia a complexidade do animal e de suas variadas faculdades. Tais considerações encontram eco na etologia contemporânea que ressalta a diversidade de comportamentos e níveis de competência que vão da habilidade estética a formas de comunicação. Maciel segue interrogando a suficiência da racionalidade humana frente a uma possível racionalidade estranha à sua, ainda nesta esteira se pergunta, estão os animais impedidos de pensar, mesmo que de forma diferente, e ter uma voz que se inscreve na linguagem? Wittgenstein sugere que a lógica que nortearia a fala do animal seria outra e despertaria no homem o conhecimento de sua ignorância. A consciência dessa insuficiência da linguagem humana leva a autora a perceber que a lógica que rege a “fala” animal seria outra. Portanto, a subjetividade animal não se inscreve na linguagem humana, o que implica também que cada escritor crie o seu bestiário particular.

Certo é, contudo, que na esfera do poético, confirma a autora, os animais “acabam por nos ensinar muito mais do que os escritores sabem sobre eles” (p.76-7). Nesta contemporaneidade, a zooliteratura tem razões para repensar a irremediável

extinção de animais, assim como estar atenta às práticas de crueldade. Entretanto, como diz a autora, “não garante [...], algum dia, fechar os matadouros”. O que se nota de suas indagações é que retoma com sensibilidade de olhar o humano e o inumano, abrindo o poético como possibilidade para que homem e animal possam rever e ser revistos, num devir que trespasse humanidade e animalidade. Em outros termos: uma questão de pele e *it*.

Data de submissão: 25/10/2013

Data de aprovação: 11/11/2013